

CORPO TRAVESTI, CORPO CONTEMPORÂNEO

Pedro Eduardo Silva Ambra

Psicólogo e mestrando do Departamento de Psicologia Social do Instituto de Psicologia da USP. Pesquisador do Laboratório de Epistemologia Genética e Reabilitação Psicossocial e do Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise da USP, Latesfip. Universidade de São Paulo, Brasil.

E-mail: pedro.ambra@gmail.com

Nelson da Silva Junior

Psicanalista e professor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, diretor do Laboratório de Epistemologia Genética e Reabilitação Psicossocial e coordenador do Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise, Latesfip. Universidade de São Paulo, Brasil.

E-mail: nesj@terra.com.br

Isabel Cavalcanti

Aluna do 2º ano do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Pesquisadora do Laboratório de Epistemologia Genética e Reabilitação Social na pesquisa internacional *Marcas corporais auto-infligidas à luz do laço social contemporâneo* (PST-IP-USP e Rennes 2, França).

E-mail: isabelcavalcanti@yahoo.com.br

Resumo: O artigo apresenta o travestismo como fenômeno eminentemente contemporâneo e representativo no que diz respeito à relação do sujeito com seu corpo no contexto do capitalismo tardio. Nosso estudo terá como ancoragens teóricas algumas pontuações acerca da contemporaneidade, a noção lacaniana de corpo, bem como desdobramentos do chamado discurso capitalista, também proposto por Lacan. Buscaremos investigar – a partir de exemplos da literatura, da abordagem psiquiátrica do tema e de trabalhos que têm como objeto de estudo o travestismo e o transexualismo – o estatuto das modificações corporais e a função do corpo em travestis. A partir da inclusão de componentes sociais e históricos, o uso do corpo será apresentado dentro de uma chave de análise que compreende o fenômeno travesti como exemplo de uma tendência contemporânea de construção de si.

Palavras-chave: psicanálise; travesti; corpo; Lacan; contemporaneidade.

Abstract: The paper presents the transvestism as a phenomenon eminently contemporary and representative regarding the subject's relation with his/her body in the context of the late capitalism. Our study has as theoretical background some formulations on present facts, the lacanian notion of body, and developments of the so-called capitalist discourse, also proposed by Lacan. We will investigate – using examples from literature, the psychiatric approach and works that has as subject the transvestism and the transsexualism – the status of body modification procedures and the body's function among the transvestites. From the inclusion of social and historical components, the use of the body will also be presented within an analysis that understands the transvestite phenomenon as an example of a current tendency of self-construction.

Keywords: psychoanalysis; transvestite; body; Lacan; contemporaneity.

Neste artigo, buscaremos compreender alguns aspectos do travestismo à luz de desenvolvimentos teóricos sobre o laço social contemporâneo em psicanálise. Primeiramente, a análise de duas obras literárias fornecerá elementos para uma reflexão relativa à constituição subjetiva e a modalidades discursivas de momentos distintos da história, tendo em comum a temática *trans*. Por meio desta aproximação, apontaremos algumas determinações cruzadas entre indivíduo e sociedade, defendendo o caráter necessário do social para a compreensão de fenômenos subjetivos.

A seguir, circunscreveremos um pouco mais detalhadamente o que compreendemos por travestismo na atualidade, apresentando as visões da medicina e da psicanálise sobre o transexualismo, tema correlato ao travestismo. Após algumas reflexões sobre o corpo em psicanálise e sobre as formas de atuação do capitalismo no laço social, retomaremos nosso objeto de estudo para uma proposição de compreensão psicanalítica e social do mesmo.

Nossa hipótese propõe que o travestismo relacionado às modificações corporais é um fenômeno eminentemente contemporâneo, não apenas devido às novas possibilidades oferecidas pela técnica cirúrgica, mas antes por uma mudança de modalidade discursiva que acarretará em um novo modo de relação com o corpo. Este parece agora definir-se cada vez mais como o portador ativo da identidade subjetiva. Propomos que esta solução pode ser observada de forma mais clara no travestismo, ainda que seja possível constatar a inserção cada vez mais marcada de tal forma de relação com o corpo em outros segmentos sociais, apontando para uma modificação da função do corpo no contexto contemporâneo ocidental.

Travestismo e literatura

Cabe iniciar nossos apontamentos sobre a questão com uma citação de Freud (1905/1972, p. 1178) em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, a respeito da inversão: “No sentido da psicanálise, então, nem sequer o interesse sexual exclusivo do homem pela mulher é algo óbvio, mas um problema que requer esclarecimento”. Ao questionar o caráter não natural ou evidente da escolha objeto de homens e mulheres, Freud relativiza qualquer explicação a respeito da sexualidade que parta de concepções biológicas ou do senso comum. Diversos autores¹ debruçaram-se sobre o tema, mas, devido à natureza e extensão deste trabalho, desenvolveremos apenas a questão do travestismo enquanto fenômeno que ainda desafia a compreensão do corpo em psicanálise, a partir de considerações sociais a respeito de sua expressão atual.

É reconhecido o uso da literatura com vistas à apreensão de diversas facetas do funcionamento social em uma época determinada. Não seria diferente com a sexualidade, mesmo quando considerada “desviantes”. A partir de duas leituras literárias que abordam a temática travesti, escritas no início do século XIX e fim do século XX, faremos algumas pontuações a respeito do laço social e as constituições subjetivas destes períodos históricos.

Roland Barthes (1976) retoma, por meio de uma análise semiótica, a pouco conhecida novela de Balzac, *Sarrasine*. A história desenrola-se em meados do século XVIII e narra a história de Sarrasine, um escultor de caráter ímpar, violento, passional e ímpio, que se apaixona perdidamente por uma prima-dona, Zambinella, quando em visita a Roma.

Após o jogo de corte e esquiva, ao final da novela o escultor descobre que Zambinella é um *castrato*, uma vez que mulheres não podiam apresentar-se em palcos na Itália. O escultor é então tomado por uma fúria imensa e, sem conseguir controlar seus afetos, morre ao tentar destruir a estátua que fizera de Zambinella, por considerá-la de uma beleza feminina indefectível.

É digno de nota que a figura ambígua de Zambinella possuía um lugar reservado, uma atribuição social que conferia, inclusive, certo *status* na sociedade italiana da

1 Ver Stoller, Wetzer-Lang, Butler, Ceccarelli e Chiland. Especificamente a respeito do feminino e sua construção, há conhecidos trabalhos de Birman, Neri, Anzieu, Aran, Soller e Miller, para citar alguns. O seminário XX, traduzido do francês para o inglês por Bruce Fink, por exemplo, recebeu o subtítulo *On Feminine Sexuality, the Limits of Love and Knowledge*.

época. Os *castrati* – tal como os atores que representavam mulheres, por exemplo, no contexto elisabetano –, ao invés de serem excluídos, pareciam antes estar no seio dos laços sociais na arte. No entanto, esta inclusão social parece parcial, pois aqueles eram indivíduos apartados, em certo grau, do convívio social enquanto sujeitos libidinais, tal como aponta a impossibilidade de amor vivida por Sarrasine.

Zambinella provoca a ira, a loucura e a morte do escultor, mas não por recusar sua paixão. Não é a negação do *castrato* que provoca a aparente ruptura subjetiva do escultor. Antes, trata-se da impossibilidade de realização amorosa em si, por uma condição do objeto amado que o ego não suporta e o social não comporta. É a não aceitação – como objeto de amor – deste outro que mimetiza o feminino que destrói Sarrasine.

Escrito quase um século e meio após a Comédia Humana, *El lugar sin límites*, de José Donoso, tem como protagonista Manuela – na verdade, o bailarino Manuel –, que chega à cidade de El Olivo e acaba fixando-se em um bordel, comandado pela personagem Japonesa. Manuela e Japonesa envolvem-se e desta relação nasce Japonesita, que vinte anos mais tarde tornar-se-á dona do bordel.

O poeta e crítico literário Severo Sarduy aponta que a inversão de Manuela opera ao seu redor diversas modificações, sendo paralela a toda uma série de mudanças no ambiente e nos personagens. Sarduy afirma que a primeira inversão em Manuela é seguida por uma segunda, uma vez que Japonesa apaixona-se pelo que há de masculino em Manuela, e, enfim, uma terceira inversão ocorre quando, no ato sexual, é Manuela que é possuída e não o contrário. Há também uma troca no que diz respeito às gerações, uma vez que é a filha – que, para surpresa do leitor, é virgem – deste casal quem comandará o bordel no segundo tempo do romance. Além disso, a cidade, que gozava de reconhecimento e expansão, passa a ser um vilarejo pobre e esquecido, onde não há nem, por exemplo, luz elétrica.

No entanto, Sarduy conclui seu ensaio opondo-se à leitura simplista da obra, que destacaria como central apenas questão do *inverso*, tal como uma realidade estabelecida e fixa, apenas oposta à original. Segundo o crítico, “*o que Manuela mostra é a coexistência, num só corpo, de significantes masculinos e femininos: a tensão, a repulsa, o antagonismo que entre eles se recria*” (SARDUY, 1975, p. 49).

A essência da problemática do travestismo parece se dar exatamente na tensão e na simultaneidade das pretensamente já estabelecidas categorias sexuais. Se em *Sarrasine* o *castrato* Zambinella – que inclusive, ao final da novela, torna-se um riquíssimo aristocrata –, ao custo da impossibilidade da realização amorosa, goza de um relativo

status devido à sua posição especial, a Manuela de Donoso caminha em direção à exclusão, fixando-se em um bordel para poder viver sua paixão. Paixão que degradará simbolicamente a cidade, em nome da sustentação da identidade imaginária e do desejo das personagens. Curiosamente, no romance de Donoso, um personagem com características similares a Sarrasine, Pancho Vega, ao invés de negar Manuela como fez o primeiro, toma-a como objeto de seu prazer sádico e dá vazão às suas vontades sem esboçar culpa.

Estas posições no interior dos dois romances não parecem ser um acaso, tampouco arbitrárias. Representam antes a possibilidade de constituição e aceitação social de determinadas figuras que questionam o masculino e o feminino em cada sociedade. Se na realidade de triunfo burguês de Balzac, apesar do lugar reservado aos *castrati*, a pederastia era classificada como um crime, hoje os regimes de gestão da sexualidade apresentam-se de forma diferente, modelando novas fronteiras de exclusão. Elegemos o travestismo como objeto de atenção especial neste trabalho, por considerar que a expressão deste fenômeno atualmente permite a análise de um regime de gozo e discurso que, de acordo com nossa proposição, vem dando o tom da relação do sujeito com seu corpo.

Travestismo: algumas visões

As travestis², a partir de meados da década de 1970, ocupam junto às mulheres e homens um lugar no universo da prostituição no Brasil, que desde então exporta travestis para o mundo – em especial Itália e França (BENEDETTI, 2005). O travestismo pode ser caracterizado, em sua faceta contemporânea, por uma série de procedimentos cirúrgicos que visam apagar traços masculinos da aparência, com a interessante característica da manutenção do pênis, que, de acordo com relatos, forma parte essencial da fantasia e da prática sexual dos clientes com estes sujeitos.³

A psiquiatria contemporânea – cada vez mais pautada pela lógica classificatória expressa em manuais como o DSM – tende a desconsiderar o cunho dinâmico e econômico do psiquismo, tendo como resultado uma classificação baseada em análise de

2 Optamos pela grafia feminina, uma vez que as travestis assim se identificam e nomeiam. Para mais informações, remetemos o leitor ao interessante estudo linguístico de Borba e Ostermann “*Gênero ilimitado: a construção discursiva da identidade travesti através da manipulação do sistema de gênero gramatical*”. In Estudos Feministas, Florianópolis, 2008, p. 409-431

3 Há, evidentemente, casos de travestismo em ambos os sexos. Mas, devido à prevalência do fenômeno em indivíduos “nascidos homens”, optamos por esta vertente de análise.

dados estatísticos, associada à prescrição de medicamentos. O chamado “Fetichismo Transvéstico”, que figura como uma dos “transtornos mentais” no DSM-IV, é descrito como o uso de vestimentas femininas por homens e vice-versa. Contudo, este não se assemelha ao travestismo aqui sugerido, senão pela indumentária utilizada. A prática de vestir-se como alguém do sexo oposto, mas sem conotações diretamente sexuais, sem conflitos aparentes quanto à identidade de gênero e finalmente sem a perspectiva de modificações corporais, é conhecida também como *cross-dressing*, e não será nosso objeto de estudo.

Há ainda no DSM o Transtorno de Identidade de Gênero, conhecido em psicologia como transexualismo. Ceccarelli (2008) apresenta, em oposição ao DSM, uma abordagem psicanalítica do fenômeno. Em linhas gerais, o transexual seria um “*inquilino no próprio corpo*”, uma mulher que nasceu aprisionada no corpo de um homem ou vice-versa. Afastando-se de juízos biologizantes ou baseados no senso comum, o autor demonstra, com casos clínicos, a íntima relação entre a constituição de gênero em transexuais e “neuróticos comuns”, desmontando argumentações que indicariam uma constituição subjetiva perversa.

Diferenciamos novamente aqui nosso objeto de estudo do transexualismo, uma vez que este inclui uma negação e até uma repulsa em relação aos órgãos sexuais biológicos. As cirurgias, no caso das transexuais, teriam a função de adequação, de remoção de um membro estranho, raramente visando um fim sexual. Já com as travestis, a manutenção do pênis parece formar parte primordial do uso e da imagem de seus corpos. Há inclusive uma preocupação em dosar os hormônios para que não se perca a capacidade de ereção e orgasmo (BENEDETTI, 2005, p. 77). A travesti quer ser reconhecida pelo seu pênis e há uma possível dimensão do “fingir ser” que é oposta à da transexual. Mas o que parece central na distinção entre os dois fenômenos é que nas travestis o que está em jogo é a modificação corporal com vistas a um projeto, um ideal de beleza e de utilização do corpo. Visando escapar, por um lado, de um determinismo social e, por outro, de um psicologismo redutor, gostaríamos de introduzir um operador teórico que enlaça determinantes tanto subjetivos quanto sociais: o discurso do capitalista.

Capitalismo tardio e Corpo

Lacan desenvolve em seu ensino, a partir do seminário XVI, uma forma esquematicamente nova de relação entre conceitos psicanalíticos, a saber, os discursos. A partir

do chamado “Discurso do Mestre”, Lacan propõe outros três discursos que formariam quatro discursos fundamentais ou radicais. Longe de serem simples formas de organização sintática ou modalidades específicas de argumentação por diferentes áreas do saber, estes discursos nada mais são do que modalidades conhecidas de formação de laço social – ou seja, modelos explicativos, em psicanálise, da relação entre sujeitos.

Além destes quatro discursos fundamentais enunciados no seminário XVII, Lacan indica – ainda que não sistematicamente (LACAN, 1974) – a existência de um outro discurso: o discurso do capitalista (CASTRO, 2009). Este pautar-se-ia pela rejeição da castração enquanto lei fundamental dos laços sociais. A possibilidade de operação de laços sem nenhuma barra, e sem incluir a falta necessária, é explorada, ou melhor, criada, pelo modo de produção de capitalismo tardio.

Diz Lacan sobre o discurso do capitalista:

O que distingue o discurso do capitalismo é isto: a *Verwerfung*, a rejeição, a rejeição para fora de todos os campos do simbólico, com o que eu já disse que isto tem como consequência. A rejeição de quê? Da castração. Qualquer ordem, qualquer discurso que se aparente com o do capitalismo deixa de lado isto que chamaremos simplesmente de as coisas do amor, meus bons amigos. (LACAN, 1972, p. 46)

A oferta incessante de mercadorias que prometem completar a falta fundamental do sujeito destrói a relação de impossibilidade com o objeto causa do desejo, e essa (falsa) proximidade acarreta um aumento vertiginoso de ações que buscam calar esta falta. O já conhecido fenômeno do consumismo é uma forma, mas não a única. Para Lacan, “A exploração do desejo é a grande invenção do discurso do capitalista” (LACAN, 1973).

A isto se associa a forma contemporânea do imperativo de gozo superegoico: a imposição do gozo é justificada e impulsionada pela crença do acesso direto e final ao objeto *a*, que passa agora a ser reificado não só em mercadorias, mas antes na própria identidade – imaginariamente correspondente ao que o sujeito considera como corpo próprio.

Veremos adiante o modo pelo qual o discurso capitalista rearticula, a seu modo, a função do corpo no travestismo. Mas, antes de prosseguirmos, convém apresentar rapidamente nossa posição com relação ao corpo em psicanálise.

A natureza do corpo para Lacan seria não a de um dado objetivo, mas antes de um efeito do significante. O corpo do *parlêtre* é o corpo capaz de gozo, apto ao amor e,

acima de tudo, desejante. Retomando o texto “Radiofonia” de Lacan, Askofaré (2008) lembra que o corpo é marcado pela linguagem, em oposição a um dado biológico. Lacan chega mesmo a afirmar que para o corpo seria secundário estar vivo ou morto, sendo antes uma superfície de inscrição. Sua função seria a de sustentáculo do laço social, entendido aqui como produto de uma dada formação discursiva.

Retornando à discussão sobre o laço social na atualidade, durante muitos anos uma das críticas mais consensuais à sociedade de consumo consistia na produção de necessidades de posse para completar a já citada falta fundamental. A lógica do “ter” definiu a sociedade ocidental e foi criticada pela esquerda e eventualmente pela opinião pública, quando do absurdo de seus exageros. Contudo, não só na infraestrutura econômica, mas também na superestrutura social, o capitalismo mostra sua capacidade de extrema adaptação frente às crises ou críticas. O ingresso no laço social contemporâneo passa gradualmente agora a comportar também a dimensão do “ser”. Assim, diminuídos os tradicionais holofotes sobre o imperativo da posse, o sujeito vislumbra também a possibilidade de ser perfeito, completo.

E como ser completo? Não mais pelas metanarrativas, ou pelo saber investido na posição de agente e sustentado pelo significante mestre (como no discurso universitário), mas antes por uma solução imaginária, que vai instituir a identidade a partir do objeto que até então resistia a entrar no jogo do imperativo de gozo consumista: o corpo.

Partindo desta considerações, propomos que no travestismo a estrutura metafórica de constituição de gênero perde o estatuto privilegiado e passa então a operar em um registro de identidade metonímica. Temos nas travestis uma tentativa de tornar-se mulher não no sentido *beauvoiriano*, isto é, *tornando-se* mulher, mas antes marcado imaginariamente no corpo. Assim, compreende-se a expressão eleita por travestis para designar seu estatuto após as intervenções cirúrgicas, “*toda feita*”. Trata-se aqui – declaradamente – de fazer-se mulher a partir de intervenções cirúrgicas, ainda que nesta concepção ser mulher possa comportar a posse e utilização do pênis.

Por outro lado, nas transexuais o que parece ocorrer não é uma construção intencional ou funcional do corpo, mas antes a extirpação de algo que é tido como estranho. Observamos, nos relatos de infância de transexuais, que muitas rezavam e pediam a Deus para lhes fazer mulher (CHILAND, 2003, p. 36). Na adolescência – quando os hormônios mostram que suas preces não foram atendidas –, sai de cena o discurso

infantil do “quando crescer queria ser...”, para entrar o “eu sou!”. Assim, afirma Chiland que “não se trata do ‘desejo’ de pertencer a outro sexo, mas da evidência que se pertence a outro sexo” (CHILAND, 2003, p. 34).

Assim, distinguimos também o papel dos procedimentos cirúrgicos em travestis e transexuais. Nestes, a realidade natural vem perturbar o corpo/discurso e o que se visa é uma adequação entre o corpo – compreendido discursivamente – e o conjunto de seus órgãos. Para Lacan, “o corpo dos falantes está sujeito a se dividir dos órgãos, até que estes encontrem função” (LACAN, 1972). Já nas travestis, o que parece estar em jogo é a construção de um ideal e o uso do corpo e não sua adequação. Em um contexto clínico, fala uma travesti sobre a prostituição: “Eu amo isso. Eu amo seduzir. Eu quero ser a mulher mais linda do mundo.” (CHILAND, 2003, p. 44).

Travestismo e a função do corpo

Poder-se-ia alegar que o travestismo é um fenômeno a-histórico, mas que só observamos agora suas transformações devido ao desenvolvimento da técnica cirúrgica para tal. Entretanto, um dado interessante apresenta uma outra forma de abordar a questão. No estudo antropológico citado, Benedetti ressalta que as travestis mais velhas, que iniciaram seus trabalhos nas décadas de 1960 e 1970, parecem enxergar com ressalvas as modificações corporais mais radicais, optando somente pelo tratamento com hormônios. Outro fato interessante é que o número de tatuagens aumenta vertiginosamente entre as travestis mais jovens, ao passo que estas marcas corporais são incomuns entre as travestis com mais idade.

Durante a ditadura militar no Brasil, em especial no fim da década de 1960 e na de 1970, as travestis eram frequentemente perseguidas pelo poder policial e por vezes preferiam cortar os próprios pulsos e serem encaminhadas para um hospital a ir para a prisão. Hoje, estas marcas – parcialmente involuntárias e aparentemente instrumentais – de suas histórias são exibidas com orgulho pelas travestis mais velhas, que não possuem tatuagens. Já entre as mais novas, o uso do silicone e demais técnicas corporais é muito mais frequente. Sublinhamos aqui um fragmento que mostra a passagem da história simbolizada no corpo para um corpo cuja história cede lugar a uma trajetória, um inventário de construções constantes de si. De um lado, há cicatrizes e marcas; do outro, construções, retoques e beleza.

Seria possível também afirmar que, tratando-se quase sempre de sujeitos de baixa renda, as travestis seriam transexuais lutando para sobreviver na prostituição, impossibilitadas econômica e socialmente de realizar cirurgias de transgenitalização. Contudo, Benedetti traz um dado interessante para esta análise: em 1997, quando aprovada no Brasil a cirurgia gratuita de mudança de sexo pelo SUS, muitas travestis que afirmavam querer mudar seu sexo, se pudessem fazer a cirurgia, mudaram de ideia, preferindo continuar em sua situação. Não pensamos tratar-se aqui de uma espécie de “aprisionamento” em um corpo que não é seu. Diferentemente do que aponta Ceccarelli sobre as transexuais, não há aqui uma tentativa de descobrir um corpo do invólucro do dado biológico, mas antes construir um corpo planejado.

A questão da manutenção do pênis poderia ser compreendida também – tal como é tradicionalmente – em termos de perversão.⁴ Seriam, nesta chave, as travestis uma variante de transexuais perversos que reconhecem mas não aceitam a lei da castração e da interdição, forjando a própria lei de existência a partir da modelação de um corpo *mais-que-completo*. Não aceitamos *a priori* esta hipótese, pois, além de nos faltar material clínico para tanto, trata-se de uma análise sintomática que não leva em conta um diagnóstico diferencial, nem compreende a perversão estruturalmente.

Ainda sim, aceitando tratar-se de um fenômeno ligado à perversão, fica a questão de até que ponto eventos ditos “normais” da sociedade não seriam igualmente perversos (top-models, atrizes que esculpem o corpo, praticantes de body art, pessoas tatuadas, etc.). Não acreditamos que a compreensão de fatos sociais possa ser pautada a partir da prevalência de uma ou outra estrutura nosográfica, sendo esta uma leitura um tanto superficial e com possíveis consequências normativas, não afins ao modo psicanalítico de se pensar o social.

Ao retomar a realidade pós-revolucionária de Balzac, podemos localizar aquela expressão do travestismo como algo circunscrito e até certo ponto ritualizado. Tratava-se de uma sociedade onde o regime de economia de gozo operava a partir de uma lógica de interdição marcadamente heteronômica e não tão internalizada como o cenário vitoriano de Freud. Neste contexto, o procedimento cirúrgico era imposto⁵ pelo social, que ao fazer isso negava ao sujeito o acesso ao mundo libidinal compartilhado. Para o homem barroco, portanto, era possível conceber e incluir no laço social o sujeito sem

4 Assim como o próprio Ceccarelli o faz.

5 O castrato Caffarelli é um dos raríssimos casos em que a criança pediu para ser castrada.

sexo definido, decorrente de uma prática de modificação corporal. Assim, na produção dos *castrati*, na apropriação e na circulação que é feita de seus talentos musicais, é possível localizar um modo de funcionamento próprio do discurso do mestre.

No entanto, ao olhar para o travestismo contemporâneo, tal como o apresentamos, é importante sublinhar que uma das diferenças fundamentais é que o sujeito da contemporaneidade ocidental é embebido de uma “soberania de si”. O que Freud denunciara como terceira ferida narcísica parece não ser considerado nos processos contemporâneos de modificações corporais. No caso do travestismo, a intencionalidade da construção de um corpo mostra que o indivíduo contemporâneo pauta-se ainda pela razão e pelo total conhecimento da natureza do seu desejo. Ao passo que a psicanálise, desde o seu princípio, procura demonstrar a impossibilidade deste domínio. De forma similar, desde Marx as teorias críticas também demonstram como são falsos o sentimento e a possibilidade de uma liberdade radical em um contexto capitalista. Sinteticamente, o discurso do capitalista de Lacan mostra como estes dois tipos de alienação se completam na contemporaneidade.

A circularidade sem freio entre as posições do discurso do capitalista (CASTRO, 2009) parece impedir que a falta se instale como tal, simbolicamente, determinando então que retorne, no caso travesti, nas modificações corporais mediadas por um projeto e intencionalidade marcadamente imaginários.

Se, para Schreber, pensar-se como mulher foi algo demasiadamente opressivo, podendo ser considerado até o marco de início de seu surto psicótico, a contemporaneidade mostra um alargamento da possibilidade de vivências não necessariamente desagregadoras⁶. Por outro lado, o travestismo exhibe uma das facetas do imperativo de gozo, ao colocar o corpo a serviço do Ego, mediado por um contexto capitalista de produção de corpos idealizados.

O corpo como fonte de prazer não é, de forma alguma, uma invenção capitalista. Mas sua “produtificação” sim, no sentido em que o corpo é considerado como matéria-prima inicial e mercadoria final de um processo de produção.⁷ A *customização* do corpo, seja pelo número crescente de tatuagens, implantes de silicone ou cirurgias

6 Chiland defende, por exemplo, que o travestismo pode ser considerado como uma patologia narcísica de defesa contra a psicose. Em nosso entendimento, há necessidade de demonstração dessa hipótese.

7 Como o possível uso de mãos biônicas e linhas de crédito específicas para implantes de silicone (Silva Jr. et al., *O corpo na luta pelo reconhecimento e sua questionável espessura política*, apresentação na reunião do LATESFIP, 01/10/2011).

estéticas, sugere que o valor de troca parece, finalmente, ter alcançado o que constituiria a última fronteira entre o sujeito e o mercado, o corpo.

Liberado de seu “valor de uso”, o corpo dos sujeitos passa a operar em uma lógica de troca, própria da mercadoria, possuindo valor quantificável e equivalente. Não é por outro motivo que encontramos exemplos interessantes, tais como pessoas que vendem ou doam seu corpo tatuado (THE TELEGRAPH, 2009; SENDTOPRESS, 2003) e um *reality show*⁸ no qual o foco é dado à cirurgia plástica de pessoas comuns, que após sua reconstrução estética teriam uma vida nova. Se durante a era moderna a divisão cartesiana entre corpo e alma deslocava o eixo da individualidade e subjetividade para a mente ou consciência, o movimento atual parece colocar o corpo na posição de definidor da identidade do sujeito, que pretende, a partir de uma intervenção de registro imaginário, modificar e até mesmo reconstituir o ego.

Para concluir, gostaríamos de apresentar uma questão a ser trabalhada em estudos posteriores, preferencialmente clínicos, sobre o corpo no travestismo. Qual seria o papel do corpo *radiofônico* de Lacan – discursivo, presente nos três registros, distante da realidade biológica – junto a sujeitos que parecem não apenas habitar, mas construir concreta e não histórica ou discursivamente o corpo? Dito de outra forma, de que maneira pode a psicanálise operar na compreensão e tratamento de sujeitos contemporâneos, se é fundada tradicionalmente a partir de sujeitos faltosos e divididos?

Referências

- ASKOFARÉ, S. (2009). Du discours... au corps. In: GASPARD, J.-L.; DOUCET, C. (orgs.). *Pratiques et usages du corps dans la modernité*. 1 ed. Toulouse: Éditions Érès, 2009.
- BARTHES, R. (1976). *Masculino, feminino, neutro - ensaios de semiótica narrativa*. Porto Alegre: Editora Globo.
- BENEDETTI, M. (2005). *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Garramond: Rio de Janeiro.
- CASTRO, J.C.L. (2009). *Consumo de massa e discurso da histeria*. In: II Colóquio Binacional Brasil-méxico de Ciências da Comunicação, 2009.
- CECCARELLI, P. R. (2008). *Transsexualismo*, 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- CHILAND, C. (2003). *Le transsexualisme*, 1. ed. Paris: PUF.
- DAILY TELEGRAPH (2009). Tattooed Geoff Ostling donating his body to art.
http://www.send2press.com/PRnetwire/pr_03_1208-cihost.shtml
<http://www.dailytelegraph.com.au/news/wacky/tattooed-geoff-ostling-donating-his-body-to-art/story-e6frev20-1225705543901>

8 *Extreme Makeover*, exibido pela rede de televisão americana ABC.

- DONOSO, J. (1995). *El lugar sin límites*. 5. ed. Santiago de Chile: Aguilar Chilena.
- FREUD, S. (1972). Tres ensayos para uma teoria sexual. In: *Obras Completas Tomo II*, translation Luis Lopez-Ballesteros y Torres, 1. ed, Madri: Editora Biblioteca Nueva.
- LACAN, J. (1972). *Le savoir du Psychanaliste*. Paris: AFI.
- _____ (1973). *Lacan in Italia 1953-1978*. Milan: La Salamandra.
- _____ (1973). L'étourdit in *Scilicet*, nº 4, Paris: Seuil.
- Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais; DSM-IV*. (1995). Porto Alegre: Artmed.
- SARDUY, S. (1975). *Escrito sobre um corpo*. São Paulo: Perspectiva.
- SILVA JUNIOR, N. (2009). Corps et narration dans la modernité. In: GASPARD, J.-L.; DOUCET, C. (orgs.). *Pratiques et usages du corps dans la modernité*. 1. ed. Toulouse: Éditions Érès.

Recebido em 20/11/2011; Aprovado em 15/1/2012.